

O GÊNERO ORAL ENTREVISTA EM ESTÚDIO NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Maria Aparecida Resende Ottoni (ILEEL/UFU)

Considerações iniciais

Este trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso (PETEDI) e ao Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, ambos do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Em 2008, nós, membros do PETEDI, definimos que as discussões do grupo girariam em torno do tema gêneros orais, em função do interesse da maioria e da escassez de trabalhos sobre esse tema. Primeiramente, fizemos um levantamento bibliográfico sobre gêneros orais. Depois, selecionamos alguns textos para discussão. Após a discussão desses textos, cada membro do grupo fez uma lista dos gêneros orais dos quais se lembrava. As listas foram discutidas em grupo e, em seguida, nós procuramos estabelecer as condições de produção de vários gêneros orais listados e discuti-las.

Posteriormente, cada pesquisador escolheu um dos gêneros elencados, a fim de realizar um estudo inicial para apresentação no grupo de trabalho Os gêneros orais em debate, coordenado pelas Profas. Dras. Elisete Maria de Carvalho Mesquita e Luísa Helena Borges Finotti, no XII SILEL - Simpósio Nacional de Letras e Linguística e II Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado na Universidade Federal de Uberlândia.

Este trabalho representa o resultado de um estudo inicial do gênero oral por mim escolhido: entrevista em estúdio produzida em telejornais.

Foram selecionadas entrevistas em estúdio realizadas em dois telejornais diferentes: um local e um nacional, ambos da mesma emissora¹. Para a abordagem do gênero escolhido, procuro estabelecer um diálogo entre a Análise de Discurso Crítica (ADC) e a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), o qual vem sendo muito profícuo em muitas pesquisas e estimulado pelo Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional. Baseio-me, principalmente, na discussão acerca de gêneros feita por Fairclough (2003) e na proposta de Hasan (1985, 1989) de análise da configuração contextual para identificação dos elementos que compõem um gênero.

Eu tenho observado que muitas das pesquisas realizadas sobre o gênero entrevista têm focalizado entrevistas impressas publicadas em jornais e revistas ou entrevistas de programas televisivos de auditório e têm sido feitas na área da Comunicação Social, cujo enfoque é diferente de uma abordagem linguístico-discursiva. Assim, uma pesquisa como esta, centrada no gênero entrevista em estúdio em telejornais,

¹ Por questões éticas, não serão mencionados os nomes dos telejornais, da emissora, dos entrevistadores nem dos entrevistados. Pelo mesmo motivo, nas fotos das entrevistas, os rostos dos participantes foram encobertos.

mostra-se necessária e relevante. Ela pode contribuir para o debate sobre gêneros e sobre o gênero oral entrevista.

1. A análise de gêneros na perspectiva da Análise de Discurso Crítica

Para este artigo, vou me limitar à discussão sobre gênero proposta por Fairclough (2003), mas quero deixar claro que, para a abordagem de gênero na perspectiva da ADC, muitos outros teóricos poderiam ser aqui mencionados.

Fairclough (2003, p.65) define gêneros como “aspectos especificamente discursivos de modos de agir e interagir no curso de eventos sociais”. Segundo ele, quando analisamos um texto ou interação em termos de gênero, nós estamos perguntando como ele figura na ação social e interação em eventos sociais e como contribui com essa ação e interação.

Em seu livro de 2003, o autor apresenta uma discussão sobre as dificuldades com o conceito de gênero. Uma delas é que gêneros podem ser definidos em diferentes níveis de abstração. Considerando esses diferentes níveis, Fairclough distingue os pré-gêneros² (ex: narração, argumentação), os gêneros desencaixados (ex: entrevista) e os situados³ (ex: entrevista etnográfica, entrevista de emprego). Ele discute ainda a definição de um gênero em termos dos propósitos da atividade. Ao contrário de alguns teóricos, para quem uma característica definidora de um gênero é o propósito comunicativo, Fairclough (2003) explica que um gênero particular pode ter vários propósitos, os quais podem ser hierarquicamente ordenados, e que os propósitos podem estar relativamente explícitos ou implícitos. Além disso, este pesquisador salienta que muitos gêneros não são claramente ligados a propósitos sociais amplamente reconhecidos, o que significa que há problemas em privilegiar muito o propósito na definição de gênero. Assim, a proposta de Fairclough é que deveríamos evitar centrar nossa visão de gênero no propósito.

Ele acrescenta em sua discussão sobre gêneros que algumas atividades são mais estratégicas (e menos comunicativas no sentido de Habermas)⁴ que outras, o que tem relação com os propósitos, com os tipos de troca estabelecidos na interação, com as funções do discurso e os modos oracionais⁵ (Halliday, 1994).

2 Termo sugerido por Swales (1990) e adotado por Fairclough (2003).

3 Sobre essa distinção, ver Fairclough (2003) e Ottoni (2007).

4 A ação comunicativa acontece em interações orientadas para a compreensão mútua como em uma conversa informal com um amigo, ao passo que a ação estratégica acontece em interações orientadas para a obtenção de resultados como em uma relação de compra e venda, em uma propaganda.

5 Segundo Halliday (1994, p. 69), de todas as coisas que nós fazemos com a linguagem, há quatro distinções-chave que explicam a comunicação interpessoal; ou seja, há quatro tipos de troca. Como falantes/escritores, nós podemos dar ou pedir. O que damos ou pedimos é ou bens e serviços ou informação/conhecimento. A troca de bens e serviços é orientada para uma ação não textual; seu foco é na atividade, nas pessoas fazendo coisas ou conseguindo que elas sejam feitas. Ela se constitui em uma proposta. Já na troca de conhecimento ou de informação, o foco está em obter e dar informação, fazer reivindicações, afirmar fatos, etc. Ela se constitui em uma proposição. Essas distinções dão origem, respectivamente, às quatro funções do discurso: oferta, ordem, afirmação e pergunta, e aos quatro modos oracionais: interrogativo modulado, imperativo, declarativo, interrogativo. Esses modos oracionais contribuem para elucidar as relações estabelecidas na interação, principalmente se pensarmos em quem está autorizado a usar determinado modo oracional ou as escolhas e trocas que pode realizar em um dado contexto.

De acordo com Fairclough, a análise de gêneros compreende a **análise da cadeia de gêneros, da mistura de gêneros em um texto particular e a análise de gêneros individuais em um texto particular**. No que diz respeito aos gêneros individuais, eles podem ser diferenciados em termos de: **atividade, relações sociais e tecnologia de comunicação** - “o que as pessoas estão fazendo discursivamente, quais são as relações sociais entre elas, e de qual tecnologia de comunicação (se alguma) a atividade delas depende?” (FAIRCLOUGH, 2003, p.70). Por isso, esses três aspectos devem ser levados em conta na análise de gêneros.

No que diz respeito à **atividade**, observa-se o que as pessoas estão fazendo, a estrutura genérica, os propósitos, se há predomínio da ação comunicativa ou da ação estratégica. Quanto às **relações sociais**, observa-se quais são as relações estabelecidas entre as pessoas, de que tipo e entre quem. E, com relação às **tecnologias de comunicação**, observa-se de qual tecnologia depende a atividade que as pessoas estão desenvolvendo, qual tipo de comunicação se tem: dialógica não-mediada: conversação face-a-face; dialógica mediada: telefone, email, vídeo-conferência; monológica não mediada: palestra/conferência, etc; monológica mediada⁷: imprensa, rádio, televisão, internet, filme; e como elas posicionam o produtor e o leitor/ouvinte/telespectador.

Para a análise de gêneros, outros aspectos são apontados por Fairclough. Porém, para este estudo introdutório, focalizarei apenas a proposta tripartida apresentada.

3. A análise de gêneros na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional

A LSF considera a linguagem como um sistema sócio-semiótico que constrói nossa realidade social por meio de estruturas lexicogramaticais que são, de acordo com Halliday, recursos de uma cultura para produzir significado. A linguagem é também condicionada pelo contexto social. Os dois - linguagem e contexto social – são tratados, na LSF, como níveis semióticos complementares que estabelecem entre si uma relação de realização um com o outro. Essa realização implica que a linguagem constrói o contexto social, é por ele construída e o reconstrói, numa relação dialética.

O contexto social é tratado como um sistema estratificado que compreende o nível de gênero (contexto de cultura) e o nível de registro (contexto de situação), conforme Eggins e Martin (1996).

Dentre os teóricos que tratam de gênero filiados à LSF, vou me centrar na contribuição de Hasan (1985, 1989). Ela propõe que a análise da configuração contextual de um gênero pode possibilitar a identificação de elementos de sua estrutura textual e eu considero que isso se aproxima muito do que Fairclough (2003) afirma em relação à análise de gêneros individuais em um texto particular.

Segundo Hasan (1989, p. 55), a configuração contextual é o conjunto específico de valores que realizam o campo, as relações e o modo do discurso. Assim, a proposta da autora é que se leve em conta,

6 O termo texto é usado em um sentido amplo, que compreende textos escritos, textos orais, textos visuais, textos multimodais. É nos textos que os gêneros se materializam ou se concretizam.

7 Para Thompson (1998), trata-se de uma interação monológica quase mediada.

na análise de gêneros, as variáveis que compõem o contexto de situação (registro): **campo, relação e modo**.

O **campo** é a atividade social (o que está acontecendo), o assunto. A **relação** diz respeito à natureza dos participantes, seus status e papéis; como se relacionam entre si; tipo de troca, como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos. Já o **modo** refere-se ao canal da mensagem, à seleção das opções dos sistemas textuais como tema, informação, voz, modelos coesivos; ao status que o texto tem e sua função no contexto; aos recursos utilizados: não-verbais, verbais, multimodais.

Para Hasan, a partir da definição dos elementos da configuração contextual de cada texto, pode-se fazer predicções sobre as estruturas textuais propriamente ditas (HASAN, 1989, p. 56), sobre quais elementos da estrutura textual são obrigatórios, quais são opcionais e quais são recursivos ou iterativos, bem com sua sequência. Dessa forma, pode-se identificar a estrutura potencial do gênero (EPG).

É importante deixar claro que meu objetivo neste estudo inicial não é identificar uma EPG do gênero entrevista em estúdio produzida em telejornais, mas fazer uma análise das entrevistas tentando estabelecer um diálogo entre a proposta de Fairclough e a de Hasan, pois a análise da configuração contextual de Hasan, que se pauta na análise das variáveis de registro, pode ser diretamente relacionada com o que sugere Fairclough (2003) para análise de gêneros individuais em um texto particular. Essa relação pode ser assim representada:

FAIRCLOUGH (2003)		HASAN (1989)
Atividade	↔	Campo
relações sociais	↔	relação
tecnologia de comunicação	↔	modo

Quadro 1: Relação entre a proposta de Fairclough (2003) e a de Hasan (1985, 1989) para análise de gênero

4. Sobre o gênero entrevista

A entrevista é um gênero primordialmente oral. Para Halperín (1995, p. 13), ela é “a mais pública das conversações privadas”. É uma conversação que segue regras do diálogo cotidiano, mas que se diferencia dele por ter em vista um público determinado capaz de influenciar o entrevistador e/ou a equipe editorial na escolha do tema da entrevista e do entrevistado.

O gênero entrevista faz parte de várias práticas sociais existentes em nossa sociedade como da prática social de procura de emprego, de consulta psicoterápica, de consulta médica, de produção do gênero reportagem, de produção de telejornais, dentre outras. As diferentes entrevistas produzidas nessas distintas práticas sociais, segundo alguns pesquisadores, apresentam algumas características em comum, em função de a entrevista ser uma prática de linguagem altamente padronizada. Sendo assim, há expectativas normativas específicas acerca dos papéis dos interlocutores: entrevistador e entrevistado.

Aquele é o responsável por abrir e fechar a entrevista, fazer as perguntas, orientar a interação, escolher o tópico discursivo, introduzir novos assuntos, incitar a transmissão de informações etc. Deste, espera-se que ele responda e forneça as informações solicitadas.

Para Schneuwly e Dolz (2004), a entrevista é um gênero jornalístico de longa tradição. “Seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio ou a televisão” (p. 86). É um gênero previamente planejado e organizado por meio de um roteiro escrito, que servirá de base à condução da entrevista.

Como resultado da observação dos gêneros presentes em jornais brasileiros, Marques de Melo (2003) agrupa os gêneros jornalísticos em duas categorias: a do jornalismo informativo e a do opinativo. Elas correspondem a dois núcleos de interesse: saber o que passa (informação) e saber o que se pensa sobre o que passa (opinião) e a duas modalidades assumidas pelo relato jornalístico: a descrição e a versão/avaliação dos fatos.

Marques de Melo insere o gênero entrevista na categoria do jornalismo informativo e conceitua o gênero como um “relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (*idem*, p. 66). Essa inserção é questionada por Silva (2009, p. 46): “Tal classificação mostra-se bastante conflituosa, uma vez que, muitas vezes, há uma ‘opinião’ explícita do entrevistado, podendo-se situar esse gênero no agrupamento dos gêneros opinativos”.

Eu concordo com a autora quando ela diz que podemos ter a expressão de uma opinião além da informação na entrevista. Nesse sentido, o gênero entrevista situa-se na fronteira do informativo e do opinativo, uma vez que não tem o propósito apenas de informar, mas também o de apresentar a opinião do entrevistado e formar opinião de leitores/ouvintes/telespectadores.

Contudo, é preciso deixar claro que quando Marques de Melo fez sua categorização também chamou a atenção para uma questão relativa à natureza das duas categorias jornalísticas: “até que ponto o *jornalismo informativo* efetivamente limita-se a informar e até que ponto o *jornalismo opinativo* circunscreve-se ao âmbito da opinião?” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 25). Ele deixa claro que a distinção entre as duas categorias corresponde a um artifício profissional e também político.

5. Procedimentos metodológicos

Para a constituição do *corpus*, inicialmente assisti a vários telejornais para identificar em quais eram exibidas entrevistas em estúdio e se havia um dia da semana em específico em que elas eram apresentadas. Observei que nos telejornais há muitas entrevistas realizadas fora dos estúdios, como parte do gênero reportagem, e que só em alguns telejornais e em determinados dias eram realizadas as entrevistas pelas quais eu tinha interesse.

Após identificar os telejornais e os dias da semana em que eram realizadas entrevistas em estúdio, iniciei as gravações por meio de programa especial de gravação por computador. Concomitantemente, fiz uma pesquisa na internet a fim de encontrar esse tipo de entrevista já gravada e disponível ao público. Do material coletado, selecionei quatro entrevistas em estúdio realizadas em dois telejornais diferentes: um local, o qual tem 45 minutos de duração, e um nacional, com duração de 50 minutos; ambos da mesma

emissora. Foram escolhidas duas entrevistas de cada telejornal, de modo que o *corpus* foi assim constituído:

Telejornal	Entrevistado ⁸	Assunto	Data	Duração
Local	Dupla Maria Fernanda (cantora) e Bernardo Reis (músico)	Show da dupla	05/08/09	02'25"
Local	Vicente Ferreira (Pró-Reitor de Graduação da UFU)	de Ações contra a gripe suína na UFU	06/08/09	03'02"
Nacional	Silvio Novaes (professor português)	de Reforma ortográfica	05/01/09	04'40"
Nacional	João Garcia Tadeu (Ministro)	Cuidados para evitar contágio da gripe suína e ações do governo	22/07/09	09'27"

Quadro 2: Entrevistas que compõem o *corpus*

Após a coleta e seleção das entrevistas, foi feita a transcrição de cada uma e, em seguida, a análise com base na proposta de Fairclough (2003) e de Hasan (1985, 1989), tentando aproximar essas duas perspectivas de análise.

6. Análise dos dados

Todas as entrevistas que compõem o corpus foram produzidas em estúdio e ao vivo, o que as diferencia de outras entrevistas que também são exibidas em telejornais, mas são produzidas nas ruas ou em espaços exteriores aos estúdios e fazem parte da composição de outros gêneros, como o gênero reportagem.

Elas são consideradas um gênero situado, conforme distinção estabelecida por Fairclough (2003), pois são específicas de uma prática particular de produção e exibição de telejornal.

De acordo com a proposta tripartida de Fairclough, a análise de gêneros engloba a análise da cadeia de gêneros, da mistura de gêneros em um texto particular e a análise de gêneros individuais em um texto particular. Com relação à cadeia de gêneros, as entrevistas em análise fazem parte de uma cadeia de gêneros que compõe esses telejornais, a qual inclui gêneros como notícia, reportagens, entrevistas realizadas fora dos estúdios e gravadas, comentários, pauta, roteiro de entrevista dentre outros. Dessas entrevistas, foi possível identificar uma mescla de gêneros em uma delas, a primeira, em que se tem o gênero entrevista, o gênero apresentação musical (os entrevistados fazem duas apresentações musicais

⁸ Por questões éticas, são apresentados nomes fictícios para os entrevistados e para os entrevistadores.

durante a entrevista), e também o gênero propaganda, uma vez que se faz a divulgação de um produto, que é o show da dupla realizado na noite do dia em que a entrevista foi realizada.

Quanto à análise de um gênero individual em um texto particular, procuro tecer algumas considerações acerca dos três aspectos que podem diferenciar um gênero, segundo Fairclough, os quais relaciono às variáveis de registro que constituem a configuração contextual na perspectiva da LSF.

6.1. A atividade/o campo

Neste item, a análise se volta para o que as pessoas estão fazendo discursivamente, para o assunto tratado, para a estrutura genérica, os propósitos e para a observação do predomínio da ação comunicativa ou da ação estratégica.

Nas entrevistas, as pessoas, entrevistador/es e entrevistado/s, estão participando de um evento discursivo, numa situação de interação face a face (entrevistas 1, 2 e 3) e de interação face a face e também mediada por sistema de videoconferência (entrevista 4), em que todos os interlocutores – entrevistador/es e entrevistado/s - partilham um mesmo sistema referencial de tempo e espaço (entrevistas 1, 2 e 3), ou alguns partilham apenas um mesmo sistema referencial de tempo e outros o de tempo e de espaço, como na entrevista 4, em que dois dos entrevistadores estão em um estúdio no Rio de Janeiro e uma entrevistadora e o entrevistado estão em um estúdio em Brasília.

Isso se dá em função de que as entrevistas em estúdio, em telejornais, podem ser produzidas:

1. no mesmo estúdio em que o/s apresentador/es comumente apresenta/m o telejornal, mas em cenário criado especificamente para a realização de entrevistas, como na 1ª e 3ª entrevistas;

1ª entrevista



3ª entrevista



2. no mesmo estúdio e cenário em que o/s apresentador/es comumente apresenta/m o telejornal, como na 2ª entrevista:

9 Os rostos foram encobertos.



3. em estúdio diferente do utilizado para apresentação do telejornal e em cenário criado especificamente para a realização de entrevistas, como na 4ª entrevista:

4ª entrevista



Estúdio no Rio de Janeiro



Estúdio em Brasília

Em todas elas, os participantes encontram-se sentados e, na interação entre eles, estabelece-se uma conversa regrada cujo tema foi previamente escolhido pela equipe editorial do jornal e sobre o qual o entrevistado (ou entrevistados) convidado é considerado apto a falar. Essa interação é orientada por um roteiro previamente elaborado pelo entrevistador/jornalista e/ou pela equipe editorial. Contudo, o discurso vai sendo construído na imediaticidade da interação e a conversação vai-se estabelecendo de acordo com o ritmo e a necessidade da comunicação. Essa interação estrutura-se, basicamente, pela alternância do par pergunta-resposta.

O conteúdo das entrevistas diz respeito a assuntos diversos e atuais que se supõe ser de interesse dos telespectadores: show musical, gripe suína e retorno às aulas na UFU, novo acordo ortográfico, como evitar o contágio da gripe suína e quais ações o governo está desenvolvendo para combatê-la.

Como um gênero oral, as entrevistas apresentam características básicas da conversação (MARCUSCHI, 2001): interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma seqüência de ações coordenadas; execução numa identidade temporal e envolvimento numa “interação centrada”.

Na estrutura das entrevistas em estúdio, identificamos os seguintes elementos:

1. Introdução/Abertura – parte composta pela apresentação, pelo apresentador ou por mais de um apresentador, das circunstâncias que levaram à entrevista, seguida de breve apresentação do(s) entrevistado(s) e de cumprimento. Este, com base no pequeno *corpus* deste estudo, parece ser opcional, pois não aparece nas entrevistas 2 e 3, como se pode ver nos trechos 2 e 3 a seguir:

1. ENTREVISTADORA PC10: Hoje, no Vinil Cultura Bar, teremos a apresentação de MF, dentro do projeto Quinta de Primeira. O show acontece a partir das 10h da noite e, para falar sobre, estão aqui a M e o BR. Boa tarde!
(entrevista 1, jornal local)

2. ENTREVISTADORA PC: Para o início das aulas, a Universidade Federal de Uberlândia estabeleceu várias ações a serem desenvolvidas no sentido de se prevenir contra a gripe suína. Para falar sobre isso, está com a gente aqui hoje o Pró-reitor de graduação da UFU, prof. VF. W, quais serão essas ações e como elas serão desenvolvidas dentro do campus?
(entrevista 2, jornal local)

3. ENTREVISTADOR MG: São muitas mudanças na língua portuguesa. O brasileiro vai ter que se adaptar ao novo acordo ortográfico. Hífen, acentos e trema; tudo isso agora tem novas regras.

ENTREVISTADORA RV - Pois é, por isso, nós recebemos aqui hoje, no estúdio, o professor de português SN.
(entrevista 3, jornal nacional)

- (4) (No estúdio onde é gravado o jornal, no Rio de Janeiro, estão na bancada os apresentadores MR e VR. Após alguns minutos de exibição do jornal e após exibição de matéria com a seguinte chamada/título “Número de morte pela nova gripe no Brasil sobe para 22”, MR apresenta a seguinte chamada):

ENTREVISTADOR RM: Em nosso estúdio em Brasília, ao lado de SZ, está o nosso ministro (...), JGT. Vamos então conversar com ele sobre as dúvidas que ainda existem sobre a gripe suína. SZ!

(Neste momento a câmera muda o foco do jornalista para focalizar um telão no qual são exibidas as imagens feitas no estúdio do telejornal em Brasília. A jornalista SZ e o ministro estão sentados em poltronas vermelhas dispostas em um cenário específico para a realização de entrevistas em estúdio).

ENTREVISTADORA SZ (estúdio em Brasília) – Bom dia! (dirigindo-se aos colegas apresentadores presentes no estúdio no Rio de Janeiro). Bom dia, ministro! **(entrevista 4, jornal nacional)**

4. Corpo da entrevista: composto basicamente de um conjunto de perguntas e respostas e que pode ter, ainda, apresentações musicais/artísticas, como na entrevista 1. Junto às perguntas e às respostas, também podem ser apresentados comentários/avaliação dos participantes acerca do que está sendo falado. A seguir, dois trechos ilustrativos da composição desta parte:

1. ENTREVISTADORA PC: (...) Mas hoje a formação do trio é diferente, né? O estilo vai permanecer o mesmo ?

ENTREVISTADA MF – cantora: Sim, o estilo é o mesmo, a gente só tem...a...a diferença é o B que vai fazer excepcionalmente com a gente hoje, no violão, com o J no carron e eu no vocal.

ENTREVISTADORA PC: Vamos mostrar então uma música do repertório.

ENTREVISTADA MF – cantora: Tá bom.

(Os artistas fazem uma apresentação musical. B toca o violão e M canta uma música em inglês)

ENTREVISTADORA PC: Ah, ê::! O som é bem interessante, hein:: Me conta uma coisa, esse projeto Quinta de Primeira, ele já anda há algum tempo em Uberlândia, é uma oportunidade pros artistas do local, de Uberlândia, da região. Como que funciona? **(entrevista 1, jornal local)**

2. ENTREVISTADORA VR– A gente pode acabar redescobrimo a nossa língua?

ENTREVISTADO SN – Olha, eu acredito que sim. Eu fui contra a reforma o tempo todo, hoje eu estou mais ou menos convencido que vai ser um bem para a nossa língua portuguesa. Ela está sendo revitalizada. As pessoas estão preocupadas. E, como as mudanças não são tantas quanto se imagina, eu acredito que será um belo divertimento. Teremos um bom ano pela frente em termos de mudança. E mudar faz bem. **(entrevista 3, jornal nacional)**

3. Fechamento – neste momento, o entrevistador conclui a entrevista, faz os agradecimentos ao entrevistado, este retribui o agradecimento. Além disso, em algumas entrevistas, como a primeira, o entrevistador volta a dizer quem foi entrevistado (trecho 8), agradece ao público (trecho 7) e, nas entrevistas que objetivam divulgar um evento, há no fechamento uma retomada das informações referentes ao evento (trecho 7). Também, em alguns exemplares, há um convite aos telespectadores para que eles participem de bate-bapo *on line* com o entrevistado (trecho 9). Os trechos seguintes exemplificam o que pode compor esta parte das entrevistas em estúdio.

4. ENTREVISTADORA PC: Tá certo. Eu conversei aqui com a MF cantora e com BR, músico.

ENTREVISTADA MF – cantora: Obrigada.

ENTREVISTADORA PC: Obrigada pela presença de vocês.

ENTREVISTADA MF – cantora: Esperamos todos lá hoje à noite.

ENTREVISTADORA PC: Com certeza. Bom show pra vocês. Só lembrando que MF e BR se apresentam hoje no Vinil Cultura Bar, a partir das 10 da noite. Não dá para perder né?

ENTREVISTADA MF – cantora: Não, de jeito nenhum.

ENTREVISTADORA PC: Tá certo. Obrigada, gente (fala dirigida aos telespectadores). **(entrevista 1, jornal local)**

5. ENTREVISTADORA PC: Tá certo. Eu conversei com o senhor VF, pró-reitor de graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Obrigada pelos esclarecimentos e pela presença no (nome do jornal). **(entrevista 2, jornal local)**

6. ENTREVISTADORA VR: São muitas novidades, muitas dúvidas, como a gente viu, que vão animar as salas de aula, as discussões dentro de casa. E se você está aí querendo fazer pergunta pro professor Sérgio Nogueira, anote então nosso endereço na internet. Ele vai participar de um bate-papo logo depois do jornal (na tela aparece o endereço eletrônico do jornal). O endereço é g1.com.br/bomdiabrasil. Vou repetir. O endereço é g1.com.br/bomdiabrasil. Um bom dia, obrigada professor, e até amanhã (dirigindo-se aos telespectadores). **(entrevista 3, jornal nacional)**

7. ENTREVISTADORA SZ (estúdio em Brasília): Ministro, muito obrigada por sua participação aqui

ENTREVISTADO JGT: [eu que agradeço

ENTREVISTADORA SZ (estúdio em Brasília): [no (nome do
jornal) **(entrevista 4, jornal nacional)**

Com relação aos propósitos do gênero, foi possível identificar que as entrevistas em estúdio produzidas em telejornais têm diferentes propósitos. A entrevista 1 tem os propósitos de: a) informar o público sobre o show que será realizado pelo grupo do qual a dupla entrevistada faz parte e sobre as mudanças no grupo; b) divulgar o show e o trabalho dos entrevistados; c) incentivar o público a comparecer ao espetáculo (ver trechos 1, 5 e 7). A entrevista 2 tem o propósito de informar o público sobre quais ações serão desenvolvidas e como serão desenvolvidas pela Universidade Federal de Uberlândia contra a gripe suína, a fim de oferecer segurança aos alunos, professores e técnico-administrativos e possibilitar o início das aulas no 2º semestre, como exemplificado no trecho a seguir (ver também trecho 2).

8. ENTREVISTADO VF: Nós vamos montar pelo menos uma previsão de 100 pontos com álcool em gel para as coordenações de cursos e para os locais de grande atendimento. Vamos manter os banheiros, o tempo todo alimentados com papel e com sabão, porque a orientação vai ser para a lavagem frequente das mãos. Distribuir cartazes, folders, outdoors e orientações técnicas a todos os nossos professores e funcionários e alunos para que evitemos o contágio. Todo aluno que estiver com gripe será orientado a não comparecer na universidade. **(entrevista 2, jornal local)**

Quanto à terceira e quarta entrevistas, dois propósitos foram identificados em relação a cada uma na análise: o de informar o público e o de apresentar a opinião de um especialista sobre o assunto, o que pode contribuir, direta ou indiretamente, para formar a opinião pública acerca do assunto. Na entrevista 3, há o propósito de informar o público sobre as mudanças efetuadas em função da nova reforma ortográfica e, na entrevista 4, informá-lo sobre como evitar o contágio da gripe suína e sobre quais ações estão sendo desenvolvidas pelo governo para combatê-la. Para ilustrar, vejam os trechos 3, 4, 6 e estes dois outros:

9. ENTREVISTADO PROF. SN – [exato! Anti-horário mantém o hífen em anti-horário, por causa do h. Eu vejo, no caso do hífen, até uma melhoria. Não é o ideal. O ideal era acabar com o hífen, mas já que ele conseguiu sobreviver, pelo menos temos que observar pelo lado positivo. Eu sou muito positivo. Eu acho que houve uma simplificação. Por exemplo, os prefixos e falsos prefixos – não importa se vêm do latim ou do grego – terminados em vogal, a grande massa só terá hífen a partir de agora se for h ou vogal igual. Dá até para decorar a regra. Então, anti-horário vai ficar com hífen, perfeito? Anti-inflamatório - que não deveria ter, mas as pessoas já usavam – passa oficialmente a ter hífen, porque a vogal é igual. Anti termina em i, e inflamatório começa com i. Esta regra é muito interessante. E, vai causar estranheza? Vai. Por exemplo, no caso do s que vai ter que dobrar, como é o caso autosserviço e antissocial, ficar com dois esses. Os dois erres, também vai ter que dobrar, como em autorreforma. Vai dar um pouco de dor de cabeça. **(entrevista 3, jornal nacional)**

10. ENTREVISTADORA SZ – Vamos começar com o que parece ser uma boa notícia! Um laboratório australiano começou a testar a vacina em humanos, a vacina contra a nova gripe. Será que finalmente nós vamos ter essa vacina?

ENTREVISTADO JGT – É uma boa notícia. Eu chamo a atenção de que a gripe comum, que nós chamamos de gripe sazonal, todos os anos nós vacinamos os idosos. Esse ano, nós vacinamos 18 milhões de idosos. Mas para essa nova gripe, como é um vírus novo, diferente, ele sofreu mutação, a carga genética dele é distinta, nós ainda estamos produzindo a nova vacina. Qual é a importância dessa notícia? Nós já temos então uma vacina, que começa a ser testada em pessoas para que a gente tenha certeza de que essa vacina protege adequadamente.

(...)

ENTREVISTADO JGT: O álcool em gel substitui a lavagem das mãos com água e sabão. Tanto faz, pode ser com água e sabão, bem lavadas, ou com álcool em gel, se você tá numa situação em que você não tem tempo de ir ao banheiro, de lavar as mãos com água em excesso. Segundo, se você tá tossindo e espirrando, é uma medida de proteção dos outros, é muito importante, proteger a mão/a boca e o nariz com lenço descartável. Se você não tem lenço descartável, pra algumas pessoas é caro, um lenço de pano que seja de uso apenas seu. Não dá pra compartilhar um lenço com outras pessoas. E, por fim, a outra pergunta é exatamente isso, em hipótese alguma, compartilhe copos, talheres, pratos e alimentação com outras pessoas. **(entrevista 4, jornal nacional)**

Um dos propósitos identificados é comum a todas as entrevistas: o de informar, o que a meu ver colabora para reforçar a categorização proposta por Marques de Melo (2003), segundo a qual a entrevista enquadra-se na categoria do jornalismo informativo. Contudo, como ele mesmo deixa entrever em seus questionamentos, não se pode afirmar que o jornalismo informativo limita-se só a informar tampouco que o jornalismo opinativo circunscreve-se apenas ao âmbito da opinião.

Este estudo inicial das entrevistas em estúdio produzidas em telejornais mostra-nos que elas mesclam o informativo e o opinativo, uma vez que não têm o propósito apenas de informar, mas também o de apresentar a opinião do entrevistado e de formar opinião de telespectadores. Nesse sentido, entende-se que, em alguns casos, há uma aparente ação comunicativa que “esconde” uma ação estratégica. Isso acontece na entrevista 1 em que se objetiva não só informar como também obter um resultado: fazer com que o público compareça ao show, conforme já exemplificado, e na entrevista 4, em que o ministro não apenas fornece informações sobre como evitar o contágio da gripe suína como também tenta defender o governo de acusações feitas pelo povo de que o governo não estaria oferecendo as condições necessárias à população para o diagnóstico e tratamento da nova doença. Vejam:

11. ENTREVISTADO JGT: (...) Uma pergunta que se faz muito é: por que que eu não tenho acesso ao tratamento na farmácia? Não houve nenhuma proibição do governo de proibir que a farmácia vendesse um medicamento específico. Isso foi uma decisão do laboratório produtor, porque há uma grande demanda no mundo inteiro e ele não tem simplesmente medicamento para entregar nas farmácias. Por outro lado, nesse momento, se nós tivéssemos o remédio nas farmácias, nós teríamos o quê? Uma corrida das pessoas, alto consumo, automedicação e a automedicação pode levar...primeiro, todo medicamento tem efeitos colaterais indesejáveis. Primeiro, você pode tá tomando um remédio onde não há indicação, pode ser uma outra virose, uma outra doença. Segundo, quanto mais você usa o medicamento, quanto mais o vírus, esse novo vírus entra em contato com o medicamento, você pode, ele pode desenvolver resistência ao novo

produto. E como a única arma que nós temos nesse momento, veja, nós ainda não temos a vacina, ela tá sendo testada. Então a única arma que nós temos é o medicamento. Nós temos que preservar, cuidar esse medicamento. **(entrevista 4, jornal nacional)**

6.2 Relações

Neste item, a análise se volta para a natureza dos participantes, seus status e papéis; como se relacionam entre si; tipo de troca, como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos.

Apesar de alguns autores, como Charaudeau (2006), considerarem a existência de um “dispositivo triangular” do qual participam entrevistador, entrevistado e “um terceiro-ausente, o ouvinte” (p. 214), neste estudo inicial vou-me limitar a tratar da relação estabelecida entre entrevistador/es e entrevistado/s.

Com base no material analisado, é possível dizer que no gênero entrevista em estúdio produzida em telejornais pode haver: um só entrevistador e um só entrevistado, como na entrevista 2; ou um só entrevistador e mais de um entrevistado, como na entrevista 1; ou mais de um entrevistador e um só entrevistado, como nas entrevistas 3 e 4.

Independente dessa diferença de número de entrevistador ou de entrevistado, eles desempenham papéis socialmente determinados e padronizados. O primeiro é quem escolhe sobre o que se vai falar e define em parceria com a equipe editorial quem será o entrevistado convidado, faz a abertura da entrevista, tem o direito de perguntar, direciona a conversação, faz a distribuição de turno, conserva o turno por menos tempo e faz o fechamento. O segundo, em primeiro lugar, aceita o convite e representa, na situação de interação, a pessoa que tem algo importante a dizer à coletividade e que deve responder as perguntas feitas pelo entrevistador. Dessa forma, é também aquele que conserva o turno por mais tempo e é considerado o participante de maior importância na tela.

Segundo Marcuschi (2001), os papéis representados tanto por entrevistador quanto por entrevistado resultam em uma interação de caráter assimétrico, uma vez que cabe ao entrevistador o domínio no processo interativo. Contudo, como afirmam Fávero & Andrade (1998, p. 162), é preciso considerar que:

O conceito de assimetria interacional está relacionado não só as funções dos interlocutores na situação comunicativa, mas principalmente a seus papéis sociais e as suas características individuais. Há casos em que a importância social do entrevistado leva à inversão do equilíbrio da entrevista: o entrevistado seleciona os tópicos e decide quando passar o turno. Por sua vez, há entrevistadores peculiares que dominam a entrevista e não deixam ao entrevistado nem mesmo os turnos que lhe são devidos.

Isso significa dizer que, independentemente de ser o entrevistador ou o entrevistado o participante que domina a interação na entrevista, ela tende a ser uma relação assimétrica. Isso porque, como afirmam Fowler et alii (1979, p. 63), as relações comunicativas são geralmente assimétricas dado que um participante tem mais autoridade do que o outro. Para esses autores, as aparências de intimidade, solidariedade e cooperação em eventos sociais são “ilusórias”.

No que diz respeito aos tipos de troca, nas interações entre os participantes estabelecidas nas entrevistas em análise, o tipo de troca predominante é a de conhecimento ou de informação (HALLIDAY, 1994)¹¹, pois o foco está em obter e dar informação, fazer reivindicações, afirmar fatos. Em função desse tipo de troca e da especificidade do gênero, as funções do discurso presentes nas entrevistas são: a afirmação (presente nas falas de entrevistador/es e de entrevistado/s) e a pergunta (presente nas falas do/s entrevistador/es), e os modos oracionais são: interrogativo e declarativo.

6.3. Tecnologias de comunicação/modo

Neste item, a análise poderia ser voltada para diferentes aspectos como a observação: de qual tecnologia depende a atividade que as pessoas estão desenvolvendo; qual tipo de comunicação se tem; da seleção das opções dos sistemas textuais como tema, informação, voz, modelos coesivos; do status que o texto tem e sua função no contexto; dos recursos utilizados (não-verbais, verbais, multimodais). Contudo, neste estudo introdutório do gênero entrevista em estúdio produzida em telejornais, limito-me a apresentar apenas uma breve e superficial análise de alguns aspectos relativos às tecnologias de comunicação e à variável de registro modo.

Como se trata de um gênero televisivo, produzido para ser exibido em um telejornal, seu consumo está atrelado diretamente a algumas tecnologias de comunicação, pois é preciso para se efetivá-lo que se tenha uma televisão, ou internet (com programa de vídeo disponível), ou celular com acesso a TV.

A comunicação estabelecida entre entrevistador/es e entrevistado/s pode ser, nos termos de Fairclough (2003), dialógica não-mediada: interação face a face (entrevistas 1, 2 e 3) e dialógica não-mediada: interação face a face mais dialógica mediada por sistema de videoconferência (entrevista 4). Além disso, considerando a especificidade do gênero em análise, tem-se ainda uma comunicação monológica mediada ou uma interação quase mediada, nos termos de Thompson (1998), em que há uma separação dos contextos, uma disponibilidade estendida no tempo e no espaço e uma orientação para um número indefinido de receptores potenciais.

A entrevista em estúdio produzida em telejornais trata-se de um gênero multimodal, pois se vale de recursos verbais tanto na modalidade oral quanto na escrita e não-verbais (som, imagem, gestos). Os elementos visuais, em algumas entrevistas como a 1, 3 e 4, contribuem para a representação de um espaço privado (sala, com poltronas coloridas, próximas, mesa no centro da sala). Esse recurso tem sido muito utilizado na televisão como uma forma de fazer com que o telespectador sinta que aquilo a que está assistindo faz parte de seu cotidiano, de seu espaço privado.

Como afirma Fairclough (2003, p. 68), tem havido uma tendência à informalização societal e uma 'conversacionalização' do discurso público. Nas entrevistas, percebe-se o uso de uma linguagem informal, em alguns momentos, e a criação de uma situação de informalidade na interação. Tem-se assim uma

¹¹Ver nota 5.

representação do que Fairclough chama de apropriação das práticas do domínio privado pelo domínio público.

Considerações finais

Por meio deste estudo introdutório do gênero oral entrevista em estúdio produzida em telejornais, espero ter dado uma amostra de como a Análise de Discurso Crítica e a Linguística Sistêmico-Funcional podem contribuir para a análise de gêneros. Espero ainda ter conseguido apresentar aos leitores alguns traços característicos desse gênero oral que ainda carece de muitas e diferentes investigações que explorem, por exemplo, os recursos linguísticos utilizados pelos participantes, as marcas da oralidade e seus efeitos de sentido, as diferenças entre o gênero analisado e outros tipos de entrevistas.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Ângela S.M.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

EGGINS, S. & MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse: a multidisciplinary introduction*. Londres: Sage, 1996.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FÁVERO, L. L. & ANDRADE, M.L. da C. V. de O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998, vol. 3, p. 153-177.

FOWLER, R. et alii. *Language and Control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

MARCUSCHI, L. A.. *Análise da Conversação*. 5a ed. São Paulo: Ática, 2001.

HALPERÍN, J. *La entrevista periodística: intimidades de la conversación pública*. Barcelona: Paidós, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

HASAN, R. The structure of a text. In: HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

_____. Part B. In: HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 52-118.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. rev. e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

OTTONI, M.A.R. *Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica*. Uberlândia, MG. Tese (Doutorado em Linguística), Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2007.

SCHNEUWLY, B. , DOLZ, J. et. al.. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Galís S. Cordeiro. Campinas,SP:Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J.M. *Genre analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SILVA, N. R. da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.